

Carta do Prelado do Opus Dei sobre a família

No início de 2006 D. Javier Echevarría escreveu uma carta para as pessoas do Opus Dei e para os cooperadores. Destacamos as passagens que sublinham a necessidade de fortalecer a instituição familiar.

21/02/2006

Neste tempo de Natal, a Sagrada Família ocupa de modo especial o centro dos nossos olhares. É, por isso,

lógico que, ao contemplar a *trindade da terra*, venha ao nosso coração, com a gratidão e a adoração, a petição para que em toda a parte se respeite e se defenda a verdadeira natureza e dignidade da instituição familiar e para que especialmente as famílias cristãs sejam um reflexo do lar de Nazaré. Foi o que lemos na petição que a liturgia pôs nos nossos lábios no passado dia 30 de Dezembro, festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José, convidando-nos a rezar: *Senhor, que na Sagrada Família nos destes um modelo de vida, imitando as suas virtudes familiares e o seu espírito de caridade, possamos um dia reunir-nos na Vossa casa para gozarmos as alegrias eternas* (MISSAL ROMANO, Festa da Sagrada Família, *Colecta*).

Na sua última intervenção pública sobre este tema, já perto do final dos seus dias, o Santo Padre João Paulo II recordava que «precisamente

contemplando o mistério de Deus que se faz homem e encontra acolhimento numa família humana, podemos compreender plenamente o valor e a beleza da família». De facto, continuava o Papa, «a família não só está no centro da vida cristã; é também o fundamento da vida social e civil e, por isso, constitui um capítulo central da doutrina social cristã» (JOÃO PAULO II, Discurso aos participantes na Assembleia do forum das Associações familiares, 18-XII-2004).

Também Bento XVI insiste na importância de compreender a fundo o significado do casamento e da família no desígnio divino, perante aqueles que se obstinam em reduzi-los a meras construções humanas e, portanto, susceptíveis de reformas arbitrárias com o passar dos tempos. **Na realidade**, indica o Papa, **o casamento e a família não são uma construção sociológica casual**,

fruto de situações históricas e económicas particulares. Pelo contrário, a questão da correcta relação entre o homem e a mulher tem as suas raízes na essência mais profunda do ser humano e só a partir daí pode encontrar a sua resposta. Quer dizer, não se pode separar da pergunta antiga e sempre nova do homem sobre si mesmo: quem sou? Que é o homem? E esta pergunta, por sua vez, não pode separar-se da interrogação sobre Deus: existe Deus? Quem é Deus? Qual é verdadeiramente o seu rosto?

(BENTO XVI, Discurso na abertura da assembleia eclesial da diocese de Roma, 6-VI-2005)

São perguntas, minhas filhas e meus filhos, que temos de conseguir que sejam feitas por muitos amigos e conhecidos, ajudando-os a resolvê-las de modo adequado. Ao suscitar essas interrogações, o Papa recorda alguns

princípios fundamentais da Sagrada Escritura; entre outros, que **o homem foi criado à imagem de Deus, e o próprio Deus é Amor. Por isso, a vocação ao amor é o que faz que o homem seja autêntica imagem de Deus: é semelhante a Deus na medida em que ama** (ibid). E o amor, como bem sabemos, é o mais oposto ao egoísmo.

S. Josemaria repetiu-nos que *a nossa fé não desconhece nada do que de belo, de generoso, de genuinamente humano há neste mundo. Ensina-nos [a fé] que a regra do nosso viver não deve ser a procura egoísta do prazer, porque só a renúncia e o sacrifício levam ao verdadeiro amor; Deus amou-nos e convida-nos a amá-Lo e a amar os outros com a verdade e com a autenticidade com que Ele nos ama* (S. JOSEMARIA, *Cristo que passa*, n. 24). Só com esta convicção, levada, dia após dia, ao

comportamento pessoal, à própria casa, ao local de trabalho, etc., se poderão refutar com eficácia, com a ajuda da graça, as ideias erróneas e conseguir que voltem para Deus as pessoas que as defendem.

Uma das consequências imediatas dessa vocação original para o amor é que ninguém pertence exclusivamente a si mesmo. Todos nos encontramos firmemente entrelaçados pelos vínculos de uma mesma origem e de um mesmo fim, que têm o seu fundamento em Deus. Todos estamos chamados a assumir a nossa responsabilidade pessoal pelo bem da sociedade, cada um de acordo com as circunstâncias da sua própria situação. No caso das famílias e do casamento, é claro que as leis que regulam essas instituições, tanto as da Igreja como as de qualquer sociedade que procure rectamente o bem comum, não são, assim sem mais, uma forma imposta

do exterior, mas uma exigência intrínseca do pacto do amor conjugal e da profundidade da pessoa humana. Pelo contrário, as diversas formas actuais de dissolução do casamento, como as uniões livres e o "casamento à experiência", até ao pseudo-casamento entre pessoas do mesmo sexo, são expressões de uma liberdade anárquica, que se quer apresentar erroneamente como verdadeira libertação do homem. Essa pseudo-liberdade funda-se numa trivialização do corpo, que inevitavelmente inclui a trivialização do homem. Baseia-se na suposição de que o homem pode fazer de si mesmo o que quiser: assim o seu corpo converte-se em algo secundário, algo que se pode manipular do ponto de vista humano, algo que se pode usar como se quiser. O libertarismo, que se quer fazer passar como descoberta do corpo e do seu valor,

é, na realidade, um dualismo que torna o corpo desprezível, situando-o, para dizê-lo de alguma maneira, fora do autêntico ser e da autêntica dignidade da pessoa

(BENTO XVI, Discurso na abertura da assembleia eclesial da diocese de Roma, 6-VI-2005).

Como cidadãos e cristãos responsáveis, temos de fazer tudo o que é possível para defender e promover os valores irrenunciáveis neste campo fundamental para a vida da Igreja e, não o esqueçamos, da sociedade civil. Isto apresenta-se-nos como uma das tarefas mais urgentes da nova evangelização. A obrigação de difundir recta doutrina sobre o casamento e a família afecta a responsabilidade de todos. As festas destes dias põem-no-lo graficamente diante dos olhos e impulsionam-nos a não adormecer, a despertar muitas outras pessoas do mau sono que às vezes as invade.

Não quero terminar sem uma menção especial às famílias numerosas, que o nosso Padre tanto apreciava. Como fruto da sua longa experiência, costumava comentar: *conheci muitos casais que, quando o Senhor não lhes dá mais do que um filho, têm também a generosidade de o entregar a Deus. Mas não são muitos que fazem assim. Nas famílias numerosas é mais fácil compreender a grandeza da vocação divina e há, entre os seus filhos, para todos os estados. Mas comprovei também com acção de graças a Nosso Senhor, e não poucas vezes, que outros, a quem Deus não concede família, sendo casais exemplares, sabem aceitar com alegria a santa vontade de Deus e dedicar mais tempo à caridade com o próximo* (S. JOSEMARIA, Apontamentos da pregação, Obras X-63, pp. 20-21).

Tal como o nosso Padre, todo o meu afecto, como o vosso, vai também para os casais a quem o Senhor não concede filhos. Vi muitas vezes que se cumpria literalmente o que o nosso Fundador afirmava: que essas famílias ***não somente podem santificar o seu lar, mas que além disso têm mais tempo para se dedicarem aos filhos dos outros, e são já muitos os que o fazem com uma abnegação comovedora*** (S. JOSEMARIA, Apontamentos de uma tertúlia, 10-IV-1969), realizando uma paternidade e uma maternidade fecundíssimas. Consola-me o pensamento de que muitos fiéis vieram para a Obra pela acção generosa destes "pais e mães".

Recentemente, o Papa Bento XVI afirmou que **no actual contexto social, os núcleos familiares com muitos filhos, constituem um testemunho de fé, de valentia e de optimismo, porque sem filhos não**

há futuro. E acrescentava: formulou o auspício de que se promovam novas e adequadas iniciativas sociais e legislativas para tutelar e defender as famílias mais numerosas, que constituem uma riqueza e uma esperança para todo o país (BENTO XVI, Palavras no final da audiência de 2-XI-2005). Que estas palavras do Santo Padre nos levem fortemente a continuar com o esforço de que, em toda a parte, se ajude a fundo as famílias a cumprir a sua missão, sobrenatural e humana, indispensável para o futuro da sociedade.

Voltemos à contemplação do mistério do Natal, que de algum modo se reitera todos os dias porque diariamente Jesus vem aos nossos altares e quotidianamente nasce e renasce nas nossas almas pela graça. Não deixemos de ir com frequência ao **presépio perene do sacrário** (S. JOSEMARIA, Janeiro de 1939; cit. em

Caminho, ed. crítico-histórica de Pedro Rodríguez, Rialp, Madrid, 2004, 3^a ed., p. 1051), para lhe pedir luz e aprender dEle.

Como já vos indiquei antes, todos estamos implicados nesta tarefa, primeiro com uma oração generosa e, sempre que for oportuno, com o conselho adequado. O Senhor, que em Caná da Galileia se serviu da docilidade dos servos para converter água em vinho, também agora deseja servir-se dos cristãos, de nós, para renovar os seus prodígios, de modo que muitas pessoas acreditem nEle (Cfr. *Jo* 2, 6-11).

+ Javier

Roma, 1 de Janeiro de 2006

opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-prelado-do-opus-dei-sobre-a-familia/
(27/01/2026)